

**NA APRESENTAÇÃO
DA CANDIDATURA**

ZENHA

PROPÕE-SE

LIMPAR

Fundação Cuidar o Futuro

DEMOCRACIA

Esta manhã, Salgado Zenha disse, em conferência de Imprensa, que, se for eleito Presidente da República, tudo fará para acabar com o clientelismo, a irresponsabilidade, a corrupção, o centralismo, a desigualdade, que considerou serem os vícios da democracia.



O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAIS		SETE	
O JORNAL		ÉXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	
<i>Diário Popular</i>	15. NOV 1985		

SALGADO ZENHA, ESTA MANHÃ, NO LANÇAMENTO DA SUA CANDIDATURA

«O PAÍS PRECISA DE UMA NOVA DEMOCRACIA»

«O País precisa de uma nova democracia porque a que temos é achacada por vários vícios, como o clientelismo, a irresponsabilidade, a corrupção, o centralismo, a desigualdade perante a lei» — disse, esta manhã, em conferência de Imprensa, Salgado Zenha ao apresentar a sua candidatura à Presidência da República.

Antes de responder às perguntas dos jornalistas, o ex-militante do PS leu, durante cerca de vinte minutos, uma declaração de catorze páginas de onde constam as razões, e o quadro de grandes princípios e valores que o levaram a candidatar-se a Belém.

«Ninguém tem uma solução válida para Portugal que não seja a de fazer de Portugal o senhor do seu próprio destino — salientou Zenha. — E quando essa solução para Portugal consiste, afinal, em copiar a papel químico instituições ou práticas estrangeiras, como pretexto para o restabelecimento da dominação de uma coligação partidária de que o seu proponente foi e é um dos líderes, então é caso para dizer que essa não é uma solução para Portugal», antes, «mais uma vez, a demonstração da incapacidade de alguns em viabilizar o nosso futuro, incapacidade essa que se pretende esconder através da importação de um modelo alheio, velha pecha do nosso atraso cultural, seja ele de direita, de esquerda ou do centro».

O objectivo de Zenha é construir aquilo a que chama «Nova Democracia e Nova República» no respeito pela Constituição em vigor, e pelo



Foto de CORRÊA DOS SANTOS

Salgado Zenha, ao entrar no salão onde esta manhã discursou, muito aplaudido pelos presentes. Reconhecem-se, logo na primeira fila, Henrique de Barros e António Arnaut

sufrágio popular, se bem que o candidato discorde de várias soluções adoptadas na revisão constitucional de 1982, como exemplo o facto de o Governo já não ser politicamente responsável perante o Presidente da República.

As críticas de Zenha

Defendendo que não pode haver democracia completa sem informação, Zenha disse que «o segredo fomenta a corrupção como a noite fomenta o crime», e que ela «nunca poderá ser combatida eficazmente enquanto o seu controlo não for confiado aos próprios cidadãos, através de um sistema de administração aberta, que já funciona em muitos países democráticos».

Para o mais recente candidato a Belém «a corrupção combate-se desde que se garanta o acesso do público aos actos do Governo», isto é, se torne «efectiva e real uma liberdade que, em Portugal, não existe nem de longe nem de perto, no respeitante aos actos da administração governamental, ou seja, a liberdade de Informação».

Na sua intervenção Zenha criticou, também, a irresponsabilidade que grassa na classe política e deu exemplos concretos que se repetem com excessiva frequência:

«Não faz sentido, por exemplo, que os partidos sejam obrigados por lei a publicar no «Diário da República», todos

os anos, as suas contas, acompanhadas do parecer de três revisores oficiais de contas, a fim de que o público possa controlar a legalidade da proveniência e da utilização dos seus fundos, e esse preceito não seja respeitado; não faz sentido, por exemplo, que os Orçamentos tenham de estar aprovados pelo Parlamento antes do fim do ano e isso quase só aconteça por milagre, causando-se assim prejuízos de muitas dezenas de milhões de contos que serão pagos pelos contribuintes; não faz sentido, por exemplo, que os Governos não enviem ao Parlamento anualmente as Contas Gerais do Estado, nos termos da Constituição, negando, assim, aos represen-

tantes do povo o controlo da sua actuação; não faz sentido que nos encham os ouvidos com os votos obtidos, como se tais votos significassem irresponsabilidade e não responsabilidade acrescida, como é e deve ser.»

Após ter enunciado estes quatro exemplos, Zenha deixou a seguinte pergunta no ar: «Como podem os governantes e os candidatos a governantes exigir dos cidadãos o cumprimento dos deveres destes, se eles não começaram por cumprir os seus?»

Adesão à CEE sem perda de identidade

Em relação à adesão ao Mercado Comum, Salgado

Zenha interpretou-a como «um facto irreversível e que deverá ser saudado como um factor de esperança no desenvolvimento e modernização do País, sem perda da nossa identidade nacional», considerando embora que os termos de adesão não deverão ser considerados «um quadro jurídico fechado e inalterável». Caso seja eleito Presidente da República «estará particularmente atento à evolução dos mecanismos da integração, procurando que, sempre que necessário, se promovam as iniciativas adequadas à adaptação dos acordos à realidade da dinâmica política, social, económica e cultural europeia e portuguesa».

Ainda quanto às relações internacionais Zenha deu particular destaque ao reforço das existentes com Espanha e com os Estados africanos de expressão oficial portuguesa, «sempre no estrito respeito do princípio de igualdade e de não ingerência mútua».

Politicamente, Zenha definiu-se como socialista democrático e independente, e salientou o facto de a sua candidatura ser apartidária.

SESSÃO MUITO CONCORRIDA

Melo Antunes, Henrique de Barros, Miguel Galvão Teles, Maria Manuel Rabaça, Eduardo Fidalgo, Vasco da Gama Fernandes e Joaquim Letria foram algumas das pessoas próximas de Belém que estiveram, esta manhã, na apresentação da candidatura de Salgado Zenha à Presidência da República.

A sessão, que foi muito concorrida, contou, também, com a presença de António Arnaut, Alcina Bastos, Humberta Delgado, Emídio Guerreiro, António Feu, Fernando de Carvalho e também Urbano Tavares Rodrigues, Piteira Santos, José Sarraço, Manuel da Fonseca, Baptista-Bastos, Aquilino Ribeiro Machado e muitos outros.

CASAL EANES NÃO ESCONDE SIMPATIA

O Presidente da República e os seus mais próximos apoiantes, entre estes alguns dos que se demitiram do Conselho Consultivo do PRD, devem estar presentes, no próximo dia 23, no Ritz, num almoço com Francisco Salgado Zenha, que assim veria satisfeita a pretensão de que Ramalho Eanes, líder potencial dos renovadores democráticos, manifeste publicamente, ainda que por via indirecta, o apoio à sua candidatura.

Sabe-se já, por outro lado, que a dr.ª Manuela Eanes participará na campanha eleitoral de Salgado Zenha.

«HOMENS DO PRESIDENTE» APOSTAM NO ZAP

O ZAP — «Zenha à Presidência» — é a sigla designativa do movimento de apoio ao ex-dirigente socialista que hoje anunciou a sua candidatura a Belém e nele se integram alguns «homens do Presidente» Eanes, como os conselheiros de Estado Henrique de Barros, Miguel Galvão Teles, Figueiredo Dias e Melo Antunes, e o actual porta-voz presidencial, Joaquim Letria.

O director da campanha será Soares Louro que se auto-suspendeu de militante

do Partido Socialista. António Arnaut, que recentemente abandonou o PS, é outra personalidade destacada da candidatura de Salgado Zenha.

Do gabinete do candidato farão ainda parte, segundo fonte próxima de Zenha, citada pela NP, elementos da assessoria de Imprensa de Ramalho Eanes, como Carlos Borges, Jorge Andrew, Eduardo Fidalgo e Silas de Oliveira.

As mesmas fontes revelaram que Henrique de Barros

irá ser convidado para mandatário nacional de Salgado Zenha.

PRD pende para Zenha

Embora dividido, o PRD deverá vir a apoiar a figura de Zenha, depois de um debate que não será pacífico e que terá o seu ponto alto no Conselho Nacional do Vimeiro, marcado para o próximo dia 24. É público que, no PRD, há quem prefira Pintasilgo.